

Reflexões sobre o trabalho

J. Roberto Whitaker Penteado

Jornal do Commercio 16.2.02

Não sei se foram os muitos dias sem trabalhar que os brasileiros se outorgam anualmente, durante os festejos do Carnaval que me levaram a fazer uma reflexão sobre o sentido do trabalho na nossa cultura. Mas aconteceu.

Sempre me assustou a idéia de que essa palavra comum a praticamente todos os povos de idioma latino trabalho, trabajo, travail, travaglio tenha sua origem num instrumento de tortura medieval: o tripálio. Em latim tripalium.

Este objeto nasceu, inocentemente o bastante, na agricultura. O sufixo tri indica claramente que se tratavam de três hastes, as quais, entrelaçadas, serviam para fixar, inicialmente, os animais para facilitar sua manipulação pelos criadores. Pode-se imaginar que perversidades foram cometidas durante a Idade Média a partir de tal mecânica.

Mas o termo que os romanos utilizavam para designar o trabalho laborare e que produziu filhotes semânticos em quase todas as línguas como labor ou lavoro também não surgiu de nada muito agradável. Os dicionários etimológicos atestam das relações dessa palavra com cansaços, exercícios e sofrimento.

Resta o work, dos ingleses, que é bem próximo do werk alemão. A busca dessa origem termina no grego ergon e, se V. clicar essa palavra numa busca pela internet vai encontrar uma porção de empresas que adotaram esse nome como marca, que tem a ver com energia. O ergon (work) está no nosso idioma, na palavra cada vez mais usada ergonomia. Curiosamente, contudo, ergon, em grego, é uma variação de outra palavra, organon, que significa "arranjo" ou organização.

Ora, arranjar é mexer, é perturbar, incomodar, transtornar, interromper é fazer com que alguma coisa deixe o estado natural. O que acaba por dar sentido lógico às primeiras definições que se aprendem sobre as atividades econômicas que se reduzem aos intercâmbios entre natureza-capital-trabalho.

É trabalho, portanto, toda modificação exercida na natureza seja pelo homem ou por qualquer outro ser vivente. Essa percepção terá levado Bertrand Russell à reflexão de que "existem apenas dois tipos de trabalho: um é o de alterar a posição de matérias em relação a outras matérias, sobre a superfície terrestre; a segunda é de mandar outras pessoas fazer isso. A primeira é desagradável e rende pouco; a segunda é prazerosa e muito bem remunerada".

Como se vê, não são exclusividade nossa nem dos cidadãos das sociedades de origem latina as invectivas contra o trabalho. De novo, foi na rede que consultei uma compilação de 160 citações a respeito, todas mais ou menos críticas, feitas pelo poeta rebelde norte-americano dos anos 60, tornado filósofo internauta, Tuli Kupferberg.

A primeira é a infame Arbeit macht frei, à entrada do campo de Auschwitz. Faz-se a volta ao mundo com: Mudar de trabalho é um descanso (provérbio irlandês); De cada um conforme suas habilidades, a cada um conforme suas necessidades (Marx); Bons trabalhadores raramente ficam ricos (provérbio inglês); Os que se ocupam muito com o trabalho nunca ficam sabendo das notícias (provérbio tcheco); Sou fascinado pelo trabalho. Posso sentar-me e ficar contemplando-o durante horas (Jerome K. Jerome); Através do trabalho, o homem se liga fortemente à realidade chamada comunidade humana (Freud); É mais difícil não trabalhar do que trabalhar (David Wolfssohn); O trabalho é dever de todos os cidadãos da República (Constituição da URSS); Trabalho é um dever social (Conselho Fascista da Itália); Laborare est orare (Ordem Beneditina); O excesso de trabalho mortifica a alma (Seneca); Trabalho é tudo aquilo que se obriga o corpo a fazer e lazer é tudo que aquilo que o corpo faz sem ser obrigado (Tom Sawyer/Mark Twain); Trabalho é bom, se V. não se esquecer de viver (provérbio banto).

Mas a que me deixou entre intrigado e perplexo é de Henry Thoreau, o proponente da desobediência civil, extraída do livro Walden, de 1854: Durante mais de 5 anos, consegui manter-me apenas com o trabalho das minhas mãos. Foi assim que descobri que, com o trabalho de seis semanas durante o ano, eu conseguia produzir tudo o de que precisava para viver durante todo o inverno e a maior parte do verão. O resto do tempo eu podia dedicar-me a estudar.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=435&ID=82>>.
Acesso em: 27 jul. 2009.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais